

# MULHERES ATRAVESSADAS NA GARGANTA

Juçara Gaspar (PPGT/UDESC)<sup>1</sup>

## RESUMO

Esta é uma comunicação que narra a história pessoal de uma atriz enclausurada em sua própria casa. Na cena uma atriz-mãe e suas tentativas de criação artística, entre malabarismos econômicos, jorro de notícias absurdas e dolorosas e sua abdução pelos afazeres domésticos que nunca têm fim. No contexto do Brasil pandêmico, essa mulher em isolamento social faxina as gavetas, onde encontra e relê antigas anotações em peças impressas. Neste processo relembra seu passado (mais que recente), seu percurso como atriz e os espetáculos teatrais encenados em Porto Alegre, nos doze anos de existência da Companhia Dramática. “Ah, os dias felizes”, diria *Winnie*, personagem de Beckett, ao lembrar do que passou. A atriz-mãe Juçara Gaspar, sou eu. Eu ouço as vozes de muitas mulheres-personagens-figuras atravessadas na minha garganta. A pintora, a folclorista, a dramaturga, a maga da Birmânia, a heroína da literatura, gritam, choram, cantam, contam suas histórias de resistência em cena. Me projeto neste texto acadêmico como uma *corpa* ofertada, desmontada e montada novamente para ser outra. Relembro em palavras o processo do espetáculo apresentado em modo remoto "Mulheres Atravessadas na Garganta" (2020) para apontar estratégias de criação e produção de vídeo em *Streaming*, na plataforma YOUTUBE, a partir de ações cooperativas do meu núcleo familiar, e da aplicação dos recursos do Prêmio FAC Emergencial das Artes Cênicas.

## PALAVRAS-CHAVE

Teatro feminista; Cia Dramática; processo criativo.

---

<sup>1</sup> Atriz, produtora e ativista feminista, Licenciada pelo Departamento de Arte Dramática da UFRGS. Atualmente é Mestranda sob a orientação da Dra. Maria Brígida de Miranda, no Programa de Pós-graduação em Teatro(PPGT), na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É co-fundadora da Cia Dramática em Porto Alegre, companhia que trabalha temáticas feministas em cena desde 2009. E-mail:juzagaspar@gmail.com

## RESUMEN

Se trata de una comunicación que cuenta la historia personal de una actriz enclaustrada en su propia casa. En escena una actriz-madre y sus intentos de creación artística, en medio de malabarismos económicos, una racha de noticias absurdas y dolorosas y su secuestro por los quehaceres domésticos que no terminan nunca. En el contexto de la pandemia de Brasil, esta mujer en aislamiento social limpia cajones, donde encuentra y relee notas antiguas en piezas impresas. En este proceso, recuerda su pasado (más que reciente), su carrera como actriz y los espectáculos teatrales que se realizaron en Porto Alegre, en los doce años de existencia de la Compañía Dramática. "Ah, los días felices", dijo Winnie, el personaje de Beckett, al recordar lo sucedido. La madre actriz Juçara Gaspar, soy yo. Escucho las voces de muchas mujeres-personajes-figuras a través de mi garganta. La pintora, la folclorista, la dramaturga, la maga birmana, la heroína de la literatura, gritan, lloran, cantan, cuentan sus historias de resistencia en la escena. Me proyecto en este texto académico como una *cuerva* ofrecida, desmontada y ensamblada nuevamente para ser otra. Recuerdo en palabras el proceso del espectáculo presentado en modo remoto "Mujeres cruzadas en la garganta" (2020) para señalar estrategias de creación y producción de video en *Streaming*, en la plataforma YOUTUBE, a partir de las acciones cooperativas de mi núcleo familiar, y la aplicación de los recursos del Premio FAC Emergencial de las Artes Escénicas.

## PALABRAS CLAVES

Teatro feminista; Cia Dramática; guía de proceso.

## **A PINTORA, A FOLCLORISTA, A MAGA DA BIRMÂNIA, A DRAMATURGA, A HEROÍNA DA LITERATURA, A CORPA OFERTADA DA ARTISTA.**

Foi no dia 11 de outubro de 2020 que elas se reuniram todas em mim. Um dia antes do meu aniversário de 42 anos. Assumir as vozes que me habitam me deixou animada, alonguei na cama, expandi o corpo, encolhi, repeti três vezes esses movimentos, respirei, espreguicei. Fazia tempo que não

sentia essa sensação de planejar ainda na cama, como seria a logística da tarde de trabalho e na sequência viver uma noite de teatro, uma noite em cena, uma estreia. Mais uma vez me veio à lembrança, as produções que participei ou idealizei com a Cia Dramática<sup>2</sup>, criada em 2009 e desde então, sempre com equipe e/ou elenco numerosas, com várias artistas e técnicas de Porto Alegre construindo juntas. Agora tendo de aprender a criar como um ato solitário, buscando auxílio da família.

Nesse contexto pandêmico, outra alegria que amanheceu comigo nesse dia era a possibilidade de ver a Lara Coletti. Lara é cenógrafa, artista plástica, cofundadora da Cia Dramática, idealizadora e proprietária da Respira e Brinca (brinquedos de madeira), dinda do Francisco, meu segundo filho e mãe do Romã, do qual também sou dinda. Somos amigas desde a adolescência nesse embalo afetivo de co-madres, co-mães que se cuidam e acolhem. Fazia sete meses que não via minha comadre, minha irmã de vida e de Cia. Ela vinha à tardinha para afinar a técnica junto com meu filho Ariel Gaspar, que participou de todo o processo. Ele tem 22 anos, é pisciano de 05 de março, trabalhava numa loja de brinquedos até ser demitido em abril, junto com 70% da equipe, consequência da Pandemia. cursou técnico em Informática no Ensino Médio e seus conhecimentos foram imprescindíveis para o andamento do trabalho.

Tenho dois filhos, o Francisco (Pancho), é meu segundo, sagitariano de 09 de dezembro de 2016. O que torna tudo mais pesado e ao mesmo tempo, mais leve. O fator econômico, a demanda cotidiana pesa mais, por outro lado, a minha sanidade agradece todo dia a alegre e mágica presença de uma criança. No último ensaio que havíamos feito da montagem cênica solo *Mulheres Atravessadas na Garganta*, comprovamos que seria difícil fazer a apresentação em uma filmagem em plano sequência com uma criança pequena em casa, com os três adultos envolvidos num trabalho que não poderia ter interrupções já que seria ao vivo, transmitido pelo canal da Cia

---

<sup>2</sup> A Cia Dramática nasceu junto com a primeira montagem da Cia, Frida Kahlo, à Revolução!, em 2009 - desde então, trabalha os temas: a mulher e a memória, protagonismo feminino e identidades nativas do nosso continente. Em 2021, a Dramática contabiliza doze anos de existência, quatro montagens cênicas em Repertório, duas turnês internacionais, México/2015 e Argentina/2017, além de todo amor pelas artes e artesanato da cena. Acesse em [www.ciadramatica.com.br](http://www.ciadramatica.com.br)

Dramática no Youtube. O Luciano Alves, meu companheiro e pai do Pancho, decidiu ir com ele para a casa da vovó e vovô, que também estavam em isolamento, e foi então que contamos com a vinda da Lara para substituí-lo.

### IMAGEM 1 – MULHERES ATRAVESSADAS NA GARGANTA



Foto colagem da estreia de Mulheres Atravessadas Na Garganta<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Foto colagem com imagens printadas do vídeo do Youtube, por Manuela Paiva Ellon

O Lu é meu companheiro desde 2007. Compartilhamos a vida e o trabalho, tendo desenvolvido quatro parcerias de criação artística, duas pela Cia Dramática. É músico, compositor, com três álbuns autorais, além do trabalho com trilhas para teatro e a pesquisa musical sobre Bob Dylan, iniciada em 2008.

Quando assisti ao trabalho completo, sozinha, dias depois da estreia, não consegui entender como havia conseguido aquele resultado. Resolvi refazer meus próprios passos, exercício que se tornou cotidiano no meu isolamento, sempre interrompido e retomado, por algum afazer doméstico, pelas demandas com os filhos, com o companheiro, comigo mesma, nesse voltar a si, fazer faxina em gavetas, reler textos e roteiros, tentar desvendar anotações feitas no calor dos ensaios, dizer textos antigos ou poemas perdidos, mentalmente, nas noites insones da pandemia. Minha corpa inteira lembrou. Anne Bogart, em seu manual-manifesto *A preparação Da Diretora* me traduz aqui “Somos dutos vivos de memória humana. O ato da memória é um ato físico e está no cerne da arte do teatro”. As palavras seguintes escorrem da persistência da memória. Do escolher lembrar.

## **PEQUENAS SALVAÇÕES DIÁRIAS NA PANDEMIA QUE PARECE NÃO TER FIM**

Como um filme que retorna ao princípio, me veio agora aqui, enquanto escrevo, o quanto o ano de 2020 começou eufórico para a Cia Dramática, com a possibilidade de uma terceira turnê internacional com a Frida<sup>4</sup>do movimento de fevereiro, com três projetos no Festival Porto Verão Alegre; da alegria com temporada marcada para junho no Espaço Parlapatões em São Paulo, com equipe amorosa na produção, já trabalhando em material de divulgação. Lembro-me do último encontro com um grupo numeroso de mulheres em

---

<sup>4</sup> Frida Kahlo, *À Revolução* estreou em outubro de 2009 no Teatro de Câmara Túlio Piva de Porto Alegre, segue em cartaz, tendo cumprido diversas temporadas no RS, uma em SP, e duas no RJ e duas internacionais, no México/2015/Conexão Cultura Brasil Intercâmbios e na Argentina/2017, Festival Internacional Del Teatro.

março, no dia 09, celebrando a luta feminista no teatro do Sul. A Dramática havia sido convidada, pela quarta vez consecutiva, a participar da Semana Da Mulher do Teatro de Arena. Numa semana estávamos rodeadas pelas artistas incríveis da Cia de Mulheres<sup>5</sup> Na semana seguinte estávamos trancadas em casa recebendo os cancelamentos de todas as datas, shows, temporadas.

Aqui, nesta família, somos uma mulher, dois homens e uma criança, convivendo no campo doméstico, recriando a possibilidade de interagir e se apoiar. Lembro de me sentir perdida e confusa, como a maior parte da classe artística, no início da pandemia da Covid-19. Em meio a essa situação, senti que a oportunidade que tive ao entrar no curso de Mestrado em Teatro na UDESC, foi como uma boia que me foi jogada em alto mar, quando passava pela pior fase na pandemia, o início. Recebia notícias de amigos em depressão, de conhecidos lutando contra a Covid. A incerteza, o medo, a impotência frente às decisões do presidente-fake, estavam me angustiando já de forma patológica.

Lembro-me de ter me ocupado pensando em formas de sobreviver economicamente, junto com meu companheiro, Luciano Alves, que também vive do seu trabalho artístico. Para agravar a nossa situação, meu filho Ariel foi demitido em abril. Me sentia esgotada. O mestrado me trouxe à superfície novamente, foi nele, nas aulas remotas que encontrei nos colegas e professoras, respiro em cruzos de saberes e esperança.

Aqui, lembro a leitora que pare nessa frase, por um minuto e sinta sua respiração. Isso, só respire e curta como é bom respirar. Vou fazer outro recorte de tempo nesse parágrafo. Vem comigo para o dia 24 de setembro de 2019, acordei cedo, preparei mochila minha e do Pancho para passar o dia todo fora e fomos até o Cuidado Que Mancha, a escola de artes e brinquedoteca do Grupo Teatral Cuidado Que Mancha, onde ele frequentava e

---

<sup>5</sup> A Cia de Mulheres nasceu no Cuidado Que Mancha - CQM, com grandes artistas, numa provocação feita por Vika Schabbach e Raquel Grabauska, apoiada por Katia Bressane, outra mãe artista-fotógrafa. Uma sequência de pesquisas de mulheres de várias áreas das artes performáticas.

onde eu trabalhava como brincadora. Trabalhei até as 13h, almocei lá mesmo e fui direto para o DAD - Departamento de Arte Dramática da UFRGS.

Na Sala Alziro de Azevedo, estava agendada uma conversa aberta para dadianes e comunidade artística, com a professora Maria Brígida de Miranda - *Urdindo a cena teatral feminista na universidade: experiências, transformações e desafios*. Eu estava utilizando textos dela como aporte teórico do meu TCC e estava deveras feliz com aquela possibilidade. Ela estava em Porto Alegre para compor a banca do mestrado da Juliana Kersting, que aconteceria naquela noite, depois da apresentação do espetáculo de teatro-dança resultante de sua pesquisa de Mestrado, intitulado *No te Pongas Flamenca*.

Após uma fala de boa tarde geral para as alunas-pesquisadoras presentes, a Brígida já foi logo lançando a pergunta: quem aqui é feminista? ou se considera feminista? Foi assim a queima-roupa. Passados os primeiros segundos de surpresa por aquela pergunta que nunca alguém havia me feito, ergui minha mão e notei que algumas já estavam levantadas e outras se levantando. Desde aí, fiquei imersa nos conteúdos que a Brígida trouxe, resumindo sua vida de pesquisa e docência acadêmica e obra prática, crítica e teórica, envolvida por assuntos e problemáticas densas, relatadas com tamanha suavidade. Nessa tarde decidi que iria atrás dela na vida. Seria sua seguidora, discípula, aprendiz de feiticeira. Não havia escrito 50% do texto do meu TCC e já estava com meu caldeirão no mestrado. Tive que sair antes do término do encontro, precisava enfrentar o trânsito das 17h em POA, do centro até a Azenha, para buscar o Pancho no CQM. Eu queria muito ver a apresentação da Ju Kersting, cheguei a ir até a Sala Qorpo Santo da UFRGS depois de pegar o Pancho, encontrei novamente com Brígida no hall de entrada, nos cumprimentamos timidamente. Entrei com Pancho, mochila minha, mochila dele e ambos já exaustos. Sentamo-nos bem pertinho da porta de saída e fiquei torcendo para ver o início ao menos. Fiquei exatos 11 minutos de peça e saímos para não atrapalhar a apresentação.

Nos meses de escritura que se seguiram a este encontro me senti mais liberta ainda para documentar no meu TCC, alguns dos anos dedicados ao teatro, com A Cia Dramática. Interessante como esses recortes temporais são imprescindíveis para dar-se conta de como o olhar da outra amplia o nosso.

Além disso tem essa sensação de que sinto, de estar exatamente no lugar onde quero estar. Estudar é buscar ferramentas de combate político e social contra injustiças e iniquidades. Outras deduções dessa escrita é que a Brígida já me orientava, sem sequer imaginar ou saber quem eu era e que nossas bandeiras, muitas vezes, nos ajudam a respirar.

Outros “dias-respiro” na contabilidade e calendário dessa quarentena que dura quase oito meses, foi buscar e assistir pela WEB, as experiências e tentativas de fazer teatro-virtual. Nesse flash de memória lembro de outra mulher atravessada na minha pandemia. Numa dessas noites, tentando buscar referências para uma possível tomada de coragem de fazer algo, assisti “Em Companhia”<sup>6</sup>, com a atriz Renata Sorrah lendo passagens de textos que havia interpretado durante sua vida no teatro. Tudo muito simples: uma mesa, folhas sobre ela com o texto impresso, câmera parada. Foi no domingo dia 05 de julho de 2020 às 21h30, ao vivo pelo #EmcasacomSesc. A Sorrah me fez revirar caixas, pastas e gavetas, reler textos e roteiros de peças nas quais estive no elenco. Pude me perder em lembranças, cheiros, parcerias, trabalho duro. Também notei que o texto de algumas personagens lembrava por completo, com uma ou outra dúvida, mas improvisando o sentido. Percebi que essas mulheres permaneceram e florescem suas raízes através dos meus veios. Insistiram porque ainda tem muito a dizer.

## **EU E MINHAS OUTRAS, JUNTAS, EM REVOADA**

No decorrer dos meses de isolamento participei de *lives-show* com o Luciano, cantando canções trilhas de nossos trabalhos juntas. Também mediei aulas de teatro e feminismos, *pelo Coletivo Feminista de Porto Alegre* e pela *Teia Ecofeminista*, produzida pela *Pandora - Coletivo Ecofeminista*. Dei aula para servidores da rede pública de educação da Prefeitura de Esteio e pela própria Cia Dramática na semana de aniversário da artista mexicana Frida

---

<sup>6</sup> A atriz Renata Sorrah e o dramaturgo e diretor Marcio Abreu constroem uma leitura-performance a partir de fragmentos dramáticos das obras em que Renata atuou junto à companhia brasileira de teatro. Além de textos de *Esta Criança*, *Krum* e *Preto*, os 3 espetáculos que construíram juntos, Renata apresentará trechos de outras obras que auxiliaram na pesquisa e criação dos trabalhos, e trechos de outras peças de sua trajetória, numa dramaturgia assinada por Marcio.

Kahlo, no projeto *Para Percorrer Frida Kahlo*, que reuniu pesquisadoras de várias áreas que têm em comum uma investigação afetiva sobre a obra e vida da pintora. Mas sempre que pensava em fazer teatro, achava frustrante demais. Acabava tonta com o avanço do vírus, as mortes sem controle no Brasil, os números da violência contra mulheres e crianças, nos mostrando que nós lutamos contra duas pandemias. Isoladas com agressores, estupradores e molestadores somos presas fáceis para o feminicídio que chega a índices alarmantes cresceram 22,2% entre março e

## IMAGEM 2 – ARTE DIVULGAÇÃO



Arte para divulgação de *Mulheres Atravessadas Na Garganta*.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Arte para divulgação feita por Manuela Paiva Ellon

abril de 2020, se somadas as ocorrências em 12 estados do país, em relação a igual período de 2019. Os dados fazem parte do documento Violência Doméstica durante a Pandemia de Covid-19<sup>8</sup> produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Nos meses de março e abril, o número de feminicídios subiu de 117 para 143.

Os ataques são múltiplos e chegam por toda parte, nossa grande floresta arde em chamas, dizimando fauna, flora e povos originários - Conforme dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe<sup>9</sup>), entre 1º de janeiro e 16 de agosto de 2018, foram detectados 2.662 focos de queimadas no Amazonas; em 2019, foram 6.315 focos (alta de 147%); e em 2020, subiu para 7.098 focos (alta de 7%), neste mesmo período. Também o Pantanal e povos originários habitantes da região, estão sendo atacados por latifundiários e multinacionais, enquanto a fome volta a assolar grande parte da população. Não temos a real dimensão das perdas que o atual governo brasileiro tem financiado, mas sabemos que algumas são irreparáveis. Mais uma vez cito a Brígida, em carta que escreveu para a Luciana Lyra, lida por ela durante uma *live*<sup>10</sup> na página do Youtube da ABRACE - Associação Brasileira de Artes Cênicas - “há uma guerra contra tudo que é feminino, a terra, a natureza, a mulher”. Podemos acrescentar ainda a essa lista a arte, atacada em seu rizoma ativo, sua gente, trabalhadoras e trabalhadores que se encontram sem perspectivas profissionais, encarando a ausência de políticas públicas eficazes. Estamos sobrevivendo da caridade das famílias e amigos, de verbas públicas que não sanam nem a questão alimentícia e editais que excluem quem não tem habilidade digital.

Eu ainda não havia pensado em fazer teatro pela internet, estava me sentindo derrotada, numa profissão temporariamente extinta. Foi juntando essas várias pistas, com algumas anotações que encontrei relendo peças e a

---

<sup>8</sup> acessado em 16/04/2021

<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/03/08/ong-alerta-impresciao-dados-mulher/>

<sup>9</sup> acessado em 16/04/2021

<https://amazoniareal.com.br/amazonia-em-chamas-20-queimadas-consomem-arvores-e-animais-no-sul-do-amazonas-17-08-2020/>

<sup>10</sup> acessado em 16/04/2021 <https://youtu.be/u-UX0kY0cAg>

possibilidade de receber um modesto, mas necessitado cachê, me fez arriscar. Foi na primeira semana de julho a prefeitura de Porto Alegre lançou o edital FAC Emergencial das Artes<sup>11</sup>. Reuni as ideias e referenciais num projeto que não fazia ideia de como seria posto em prática, mesmo assim a sensação que experimentei foi de alegria. Quando decidi, me pareceu que a fase mais agônica ficava para trás. Que aquela decisão de voltar a interpretar, mesmo sendo “digital” ou “virtual” era uma ideia de resistir, de “fazer alguma coisa” nem que fosse, provar que estou viva, eu mulher, mãe, artista, ativista. Tinha a certeza de que queria fazer ao vivo, com hora marcada, como no teatro e que precisaria de apoio de todo mundo aqui de casa para poder cumprir o cronograma, caso fosse aprovada. O título veio de uma entrevista feita comigo para o Jornal Brasil de Fato, pela jornalista Fabiana Reinholz.<sup>12</sup>

Parafraseando Eduardo Galeano, há mulheres atravessadas na garganta, peito, ventre, pálpebras de Juçara. Mulheres que gritam e que não se calam. Mulheres fortes, livres, sofridas, históricas, anônimas. Seus amores, dores, a violência cotidiana, o silêncio perpetuado, que quando grita, liberta.

Mulheres atravessadas na garganta foi contemplado em sétimo lugar entre 32 premiadas/os. O resultado saiu no dia 13 de agosto e após os trâmites e documentações oficiais, no início de setembro é que pude confirmar o dia 11 de outubro para a apresentação de contrapartida ao edital, com a coordenação de artes cênicas do município de Porto Alegre. Após a confirmação, fiz um cronograma do mês de produção, em meio a demanda doméstica e os estudos do mestrado. O cronograma começava com a releitura das obras e adaptação dos textos, além de ensaios sozinha e ensaios com o Luciano e o Ariel. Meu filho já havia feito transmissão ao vivo e trabalhado no programa de streaming que decidimos utilizar. Contar com o seu conhecimento e a serenidade com a qual resolve esses assuntos digitais foram muito significativos. O Lu ficou responsável pela captação e manipulação da câmera. Por essa época conversei com a designer gráfica e artista visual Manuela Paiva Ellon, que

---

<sup>11</sup> Acessado em 17/04/2021

[https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=619&p\\_secao=184](https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=619&p_secao=184)

<sup>12</sup> Acessado em 17/04/2021 - Para acessar a entrevista completa, clica no link <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/06/frida-violeta-parra-e-mulheres-anonimas-ganham-vida-no-corpo-da-atriz-jucara-gaspar>

colabora com a Dramática desde 2015. Contei da ideia, dos ensaios, da solidão, foi a partir daí que ela acompanhou todo o processo.

### **IMAGEM 3 - AUTORRETRATO**



Autorretrato para composição do material de divulgação.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Autorretrato feito sob orientação da designer Manuela Paiva Ellon.

A foto usada por ela nas artes de divulgação, foi feita por mim, utilizando as orientações que ela passou. Foi outra força movente que a tecnologia permitiu estar muito próxima, com seu afeto e profissionalismo.

Na primeira semana reorganizei o texto, adaptei a dramaturgia, revisei, li, cortei mais coisas, adicionei outras que não estavam na primeira versão e fui imprimir numa *lan house* perto de casa. Na segunda semana trabalhei em decorar as falas e achar o tom de cada uma. Passava o texto fazendo o almoço, ou enquanto tomava banho. Meu tempo livre para a concentração é a noite, quando o Pancho dorme. Nesse horário, porém, não posso fazer barulho, projetar a voz como gostaria. Eram ensaios cochichados, na sacada do apartamento. Na terceira semana resolvi organizar a sala da casa já montando e deixando para uso os objetos cênicos que ficam guardados, ou recolhidos, como o cavalete de pintura e a cadeira de rodas da Frida.

As duas tentativas de ensaio sozinha com texto foram constantemente interrompidas. Em uma delas Pancho estava muito agitado e mesmo estando em companhia do mano no quarto, aparecia no meio do texto e começava a pular na cama do irmão (o mais velho dorme na sala). Na outra oportunidade que tive de ensaiar sozinha, ele acompanhou o ensaio todo, não quis ficar com o pai, ficou quietinho, mas no meio do texto da Frida, desandou a chorar emocionado e não pude mais continuar. Acalentei ele dizendo que era tudo imaginação, que não era de verdade, que era teatro. Então eu e Lu conversamos sobre a possibilidade de irem passar um dia mãe dele para que eu pudesse realmente imergir no processo. Foi no domingo, dia 27 de setembro, que ele e Pancho foram passar o dia na vovó/ô para que eu começasse a trabalhar nas cenas curtas.

Encontrei no plano mítico da imaginação com três delas, personagens inspiradas na literatura e em figuras históricas, Ana Terra<sup>14</sup>, Sarah Kane<sup>15</sup> e

---

<sup>14</sup> Extraí o excerto de Ana Terra, vivida por mim na montagem “Os Continentinos” dirigida por João Ubiratan Vieira, com alunes de suas oficinas teatrais no Centro 3 da UNISINOS. A estreia foi no Anfiteatro Padre Werner e contava com 14 atrizes/atores, além de três músicos da Orquestra da UNISINOS. Esse elenco foi a célula do que veio a se configurar o Grupo de Pesquisa Cênica Arte, criado em 2005, que acabou fechando as portas do Espaço D'Arte João Ubiratan Vieira, em São Leopoldo/RS, em 2007.

Tianta da Birmânia.<sup>16</sup> Optei por marcar esse primeiro encontro com as três que fazia mais tempo que não vivia. Impressionante sentir as mãos da Ana Terra repetindo uma partitura revisitada quinze anos depois, totalmente com outro conceito. Na concepção do diretor João Ubiratan Vieira, a atuação de imagens fortes e os silêncios daqueles rincões da obra do Veríssimo, onde as mulheres tinham pouca fala. Na obra dirigida por Bira, ele seguiu a narrativa em terceira pessoa. Quem conta sobre a Ana é um narrador onisciente onipresente. Relendo o romance para o novo projeto, pude perceber novamente que ela é o princípio e o fim, convergente de todos os episódios principais do Continente I. Ou eles chegaram nela, ou seguiram a partir dela. Ela é tão forte no enredo que a conheci primeiro por um livreto separado, com o título Ana Terra.

Trabalhei então essa adaptação, como um processo alquímico, de mistura das vozes dessas mulheres ferozes em seu protagonismo. Selecionei falas do narrador e adaptei para a boca de Ana, não a jovem de 25 anos que interpretei em 2005, mas a Ana já assentada em Santa Fé, vó e parteira, mulher sábia, senhora de suas memórias e respeitada no povoado. Fiz um recorte profundo que coubesse em 7 minutos, tempo médio que estipulei para cada uma das cenas. Tanto na cena que eu criei da *Ana* quanto da *Sarah Kane* e da *Violeta*, optei por não trazer os fatos mais dolorosos de suas biografias. Não falo do estupro coletivo que Ana Terra sofreu até perder os sentidos, não falo que seu pai manda os irmãos assassinares Pedro Missioneiro, quando descobrem sua gravidez. Da Sarah Kane, optei por fazer o monólogo de *crave*, ao invés do texto que eu fiz em 2014, um texto suicida de *Psicose 4:48*. Em *Violeta*<sup>17</sup>, extraí a história sobre Rosita Clara e a cena com *Canción para La*

---

<sup>15</sup> Sarah Kane foi compartilhada entre três atrizes, fui uma delas, na montagem Sarah, de 2014, dirigida pelo Coletivo de Encenadores, orientada pela professora e diretora Inês Marocco. Estreamos nossa experiência de recortes de texto das cinco peças da dramaturga inglesa, no Teatro de Arena, depois fizemos nova temporada na Alziro Azevedo e na Sala Álvaro Moreyra/POA, em 2015.

<sup>16</sup> Tianta da Birmânia é uma personagem do dramaturgo gaúcho Ivo Bender, da peça O Cabaré de Maria Elefante. Foi uma das personagens que interpretei na montagem Cabaré do Ivo, dirigida por Mauricio Guzinski e Carlota Albuquerque, que estreou no Teatro do Museu, em Porto Alegre/2011.

<sup>17</sup> Volver A Violeta, cena curta que criei para o projeto MULHERAGEM (segundo trabalho da Cia Dramática), que teve estreia em março de 2017, na Semana Da Mulher, do Teatro de Arena.

*Nina Muerta*. Busquei pontuar várias fortalezas femininas em redenção, em combate, em diálogo.

Sinto que esse processo dramaturgico significa muito que eu precisava desses recortes, já que eles nasceram de mim, em contrapartida dei de presente para cada uma delas também, estarem presentes nessa cena curta, de cabeça erguida, não as queria estupradas ou partidas pela morte de uma filha. Da mesma forma, selecionei o texto final da Frida onde ela conjura a Revolução! Elas são como uma carta de amor para mim, sim, para mim mesma. Porque ouvir suas vozes é como uma maldição. Uma maldição que salva! Optei por mostrá-las radiantes em suas histórias, donas de suas narrativas, vivas e valentes. Há que se lembrar sempre de respirar.

No dia 4 de outubro fizemos nosso primeiro ensaio geral, com o Lu. Reuni a trilha que consistia em um vento para a cena da Ana Terra, a trilha de piano<sup>18</sup> da Tianta e a canção *La Vida Nunca Fue Fácil de Tragar*, versão<sup>19</sup> composta e gravada pelo Luciano em abril de 2016. Tivemos a preocupação de trabalhar com trilha original porque estavam acontecendo problemas de lives serem derrubadas pelo sistema do You Tube por questões de direitos autorais.

Colocamos meu note no quarto do Pancho com um filme que ele escolheu e um pote de pipoca, deixamos a porta aberta e avisamos que se precisasse podia vir falar com a gente e começamos a empurrar a cama para o outro lado e liberar móveis que não estariam em cena, montamos a luz que eu havia testado no dia 27 e fizemos uma passagem onde parávamos entre cada cena para dialogar sobre a transição. Nesse dia conversamos e perguntamos para o Pancho se ele gostaria de ir à vovó no domingo com o papai e já fomos procurar alguém para substituir o Lu na câmera. Foi quando a Lara se ofereceu e só topamos porque além de precisar muito de uma presença como a dela, estávamos todos isolados desde março de 2020, a casa das vovós/ôs é o único lugar que frequentamos, muito esporadicamente. Fizemos mais um

---

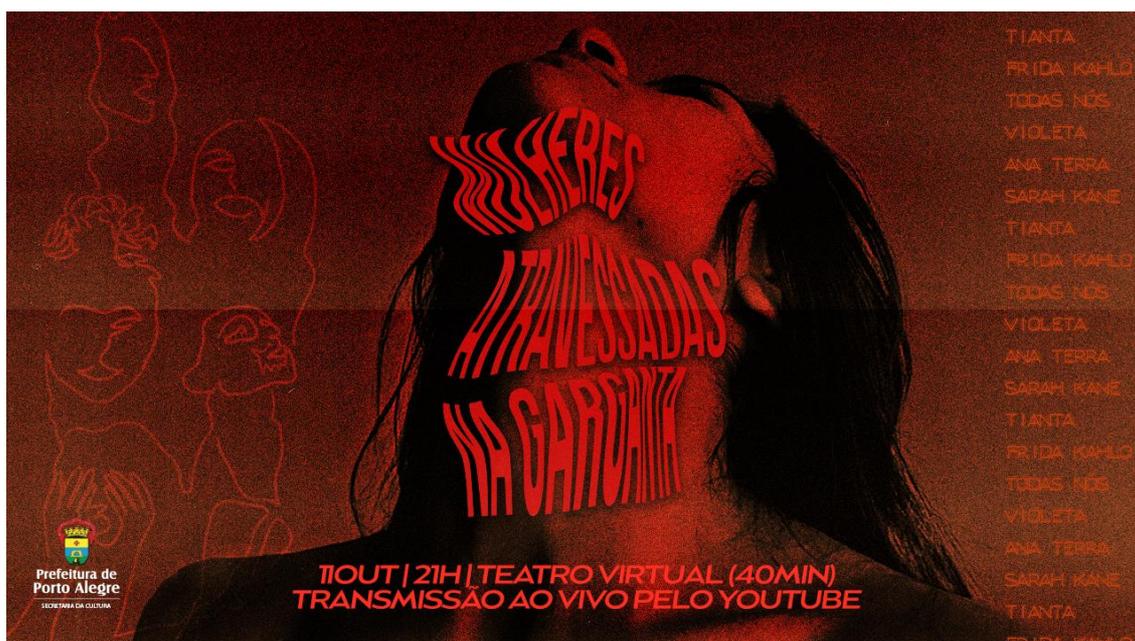
<sup>18</sup> Utilizei uma base de piano gravada pelo amigo músico Thiago Heinrich na época do Cabaré do Ivo, para minha cena, em 2012. A base é inspirada na canção *Chocante*, de Eduardo Dusek.

<sup>19</sup> A versão que usamos no espetáculo da Frida é em português. é a única canção em português na trilha da montagem. Essa versão em espanhol foi trabalhada pelo Lu e nunca havia sido utilizada

ensaio no dia 10 de outubro com duas passadas completas, tentando fazer corridas, sem pausas.

Mas ia contar da reunião de todas elas no dia 11 de outubro. Depois que Lu e Pancho saíram, pedi que Ariel me deixasse só na sala. Eram 15h da tarde, quando comecei a função. Sozinha, como uma mãe que pressente o parto. Quis eu mesma colocar cada coisa em seu lugar, cada luminária, cada elemento, enquanto já dizia o texto e fazia exercícios de voz e respiração, todas que auxiliassem as contrações nos meus sentidos. Às 18h minha nora, Djessica Fernandes, fez minha maquiagem e passamos para ela como seria a operação do som, eu e Ariel repassamos a contra-regragem de objetos de cena e ele fez a montagem do equipamento de transmissão com microfone, câmera e note.

#### IMAGEM 4 – CAPA YOUTUBE



Capa da contagem regressiva da transmissão no Youtube da Cia Dramática<sup>20</sup>.

Eram 19h quando a Lara chegou. Ela deixou o meu afilhado, Romã, aos cuidados do pai e veio me amparar em mais essa. Ela é muito conhecedora tanto do meio teatral, da criação, quanto do meu modo de trabalhar e logo se apropriou da manipulação da câmera e da ideia geral. Foi presença e

<sup>20</sup> Arte por Manuela Paiva Ellon.

segurança, além do olhar acolhedor tão necessário na hora de auxiliar no parir de uma filha. No caso filhas. Elas são as que se escolheram imaginar comigo novamente. Mulheres atravessadas no imaginário que queremos. Quem pariu quem? Mulheres mães-artistas que em algum lugar zelam por nós, as filhas que tecem as conexões entre o antes e o agora. Corpo oferenda da artista, que se movimenta e transmuta conforme cada voz pronunciada, apoio de artista-doula, que segura, acolhe e zela.

Começamos às 21h em ponto e teve duração de 41 minutos. Foi um transe, um emaranhar-se ainda mais nas vozes de cada uma. Um evocar de mulheres antigas, de tambor que acorda a aldeia e de revirar minhas próprias entranhas. Recebi elas em casa, na intimidade que cabe num encontro de comadres, co-mães, que se acolhem e visitam, atenuando laços, compondo redes, me fazendo conhecer outras mulheres, me permitindo ser um bando, uma matilha de lobas sempre uivantes. Fazer dessa *corpa* um vetor, com constantes descargas magnéticas para onde seguem toda sorte de biografias reveladas, combate de apagamentos históricos e a prova da nossa existência neste mundo, desde quando ele foi criado.

## REFERÊNCIAS

BENDER, Ivo. **Nove Textos Breves Para Teatro**. Porto Alegre: Ed. da UFRG. 1983.

BOGART, Anne. **A Preparação da Diretora**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2011.

KANE, Sarah. **Obra Dramática Completa**. Galícia: Ed. Galaxia. 2009.

MIRANDA, Maria Brígida de. **Seminário de Introdução ao teatro Feminista**. PPGT/UDESC, 2020. Disponível em: <https://www.udesc.br/ceart/ppgt/ementas/brigida1> Acessado em abril de 2021.

PARRA, Violeta. **Autobiografia em versos. Décimas**. Santiago: Archivo Chile. <http://www.archivochile.com/>. 2008

VERÍSSIMO, Érico. **O Tempo E O Vento - O Continente I** São Paulo: 1998.

ZAMORA, Martha. **As Cartas Apaixonadas de Frida Kahlo**. São Paulo: Ed. José Olympio. 2011.

## SITES e LINKS

Site oficial da Cia Dramática. 2021. Disponível em [www.ciadramatica.com.br](http://www.ciadramatica.com.br)

DUARTE, Marcela. AFONSO, Marcela. **8M: ONG alerta para imprecisão em dados oficiais de feminicídio; veja estatísticas.** Site Piauí. 2021. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/03/08/ong-alerta-impresicao-dados-mulher/>

FARIAS, Elaize. **Amazônia em Chamas 20: Queimadas consomem árvores e animais no sul do Amazonas.** Site Amazonia Real. 2020. Disponível em <https://amazoniareal.com.br/amazonia-em-chamas-20-queimadas-consoem-arvores-e-animais-no-sul-do-amazonas-17-08-2020/>

Artes Cênicas e Resistência. Portal ABRACE Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. 2020. Disponível em <https://youtu.be/u-UX0kY0cAg>

Edital emergencial de auxílio à cultura pessoa jurídica. Site da Prefeitura de Porto Alegre. 2020. Disponível em [https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=619&p\\_secao=184](https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=619&p_secao=184)

REINHOLZ, Fabiana. **Frida, Violeta Parra e mulheres anônimas ganham vida no corpo da atriz Juçara Gaspar.** Jornal Brasil de Fato. 2020. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/06/frida-violeta-parra-e-mulheres-anonimas-ganham-vida-no-corpo-da-atriz-jucara-gaspar>

## IMAGENS

IMAGEM 1 – MULHERES ATRAVESSADAS NA GARGANTA.....	Pág. 4
IMAGEM 2 – ARTE DIVULGAÇÃO.....	Pág. 9
IMAGEM 3 - AUTORRETRATO.....	Pág. 12
IMAGEM 4 – CAPA YOUTUBE.....	Pág. 16